

Aprendizagens musicais na cultura digital e participativa: sobre videoaulas e escutas compartilhadas

Juciane Araldi Beltrame
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
jucianemusica@gmail.com

Resumo: Este artigo discute aprendizagens musicais na cultura digital e participativa a partir de relatos de músicos e estudantes de música. Trata-se do recorte de uma pesquisa de doutorado que investigou as aprendizagens que emergem das práticas de produção musical na cultura digital e participativa. Os relatos trazidos neste texto fazem parte da primeira fase da pesquisa (abril a agosto de 2014). A fundamentação teórica se concentra nos estudos sobre cultura participativa e mídia-educação (JENKINS et al., 2006) e sobre cultura digital e cultura participativa na educação musical (TOBIAS, 2013, 2014; WALDRON, 2013). Estes estudos discutem, entre outros aspectos, sobre o engajamento entre pessoas, música e mídias (TOBIAS, 2013) considerando as práticas musicais que estão presentes no contexto das mídias. Dentre essas práticas, serão discutidas aqui as videoaulas, tutoriais e escutas compartilhadas.

Palavras chave: mídias e aprendizagem musical, cultura digital, cultura participativa.

Introdução

Este texto trata de aprendizagens musicais na cultura digital e participativa, a partir dos relatos de músicos e estudantes de música inseridos nesse contexto. Trata-se do recorte de uma pesquisa de doutorado¹ que teve como foco as práticas de produção musical na cultura digital e participativa. Os relatos trazidos neste texto, provenientes das entrevistas semiestruturadas e observações virtuais de um grupo de onze entrevistados, fizeram parte da primeira fase da pesquisa, realizada de abril a agosto de 2014².

A fundamentação teórica se concentra nos estudos sobre cultura participativa e mídia-educação (JENKINS et al., 2006) e sobre cultura digital e cultura participativa na educação musical

¹ Tese desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob orientação do Prof. Dr. José Nunes Fernandes.

² A primeira fase da pesquisa tinha como enfoque “aprendizagem musical online” e os onze entrevistados tinham perfis diversificados: músicos, estudantes de música, professores, produtores. Na tese a análise dos dados construídos na primeira fase estão apenas no capítulo da metodologia, logo que o direcionamento ficou especificamente nas práticas de produção musical e seguiu com 3 dos 11 entrevistados.

(TOBIAS, 2013, 2014; WALDRON, 2013). Este estudos discutem, entre outros aspectos, o engajamento entre pessoas, música e mídias (TOBIAS, 2013) considerando as práticas musicais deste contexto e os seus aspectos pedagógicos.

Tobias (2015) discute o crescente papel das mídias digitais na forma como as pessoas vivenciam música e artes em geral considerando que as mídias e novas tecnologias ampliam as possibilidades para um engajamento musical. O autor defende que há uma complexa relação entre mídias digitais, música e performance (*Musicking*), necessitando constantes reflexões para profissionais envolvidos com ensino/aprendizagem musical. Nessa relação complexa é necessário “expandir o foco das ferramentas e técnicas e considerar os amplos contextos e sistemas nos quais mídia, música e educação existem³” (TOBIAS, 2015, p. 93). Nesse contexto, as experiências relatadas pelos colaboradores da pesquisa versam sobre suas relações com as mídias, mais especificamente a internet, nas suas práticas musicais.

As visões que os entrevistados constroem acerca dessa relação entre aprendizagem/atuação musical com as mídias revelam como transitam nesses espaços e quais aprendizagens neles ocorrem. Neste recorte, trago as discussões enfocando basicamente: internet no aprendizado musical (vídeos, videoaulas, tutoriais) e escutas musicais compartilhadas (mídias móveis).

Sobre a internet no aprendizado musical

Os percursos de aprendizagem musical dos entrevistados envolvem aulas particulares, cursos em conservatórios, curso de música integrado ao ensino médio, cursos de graduação, cursos de aperfeiçoamento e a autoaprendizagem. Nesta última categoria, estão imbricadas práticas como: aprender com vídeos disponíveis na internet, aprendizagem em família, dentre outras.

³ No original: [...] it is critical to expand beyond a focus on tools and techniques and to consider the larger contexts and systems in wich media, musicking, and education exist.

A relação que os entrevistados estabelecem com as mídias revela a forma como articulam os conhecimentos construídos em cursos sistematizados, nas trocas presenciais ou *online* com os pares, trazendo indícios de uma formação que mescla diferentes tipos de aprendizagens. Um exemplo pode ser visto na experiência relatada pelo entrevistado Marcelo:

Eu comecei estudando em escola de música. Embora na minha família tenha vários tios que têm grupos de baile, meu avô tocava bastante, então têm muitos músicos na família, mas eu comecei até com um viés mais acadêmico, vamos dizer assim, mais formal. E sempre senti muita dificuldade de ser alguém autodidata, alguém que aprendesse olhando outra pessoa [...]. Depois, mais tarde, quando eu fui pesquisar essas questões das tecnologias [...] que eu comecei a ter um contato mais intenso com isso, eu sentia que isso me dava um empoderamento maior na questão autodidata. Eu conseguia aprender mais olhando vídeos no *YouTube* e comecei a pesquisar mais sobre a questão de computadores. Assim eu percebi que eu conseguia fazer muito mais coisas por conta do que antes. (Marcelo, 10/09/14).

Neste relato aparece a relação do autodidatismo com as tecnologias que possibilitam o acesso a diferentes práticas musicais. As discussões em torno das práticas de autodidata se articulam com as de autoaprendizagem. Ao discutir o conceito de autoaprendizagem, Corrêa (2008) destaca que este “auto” tem a ver com os caminhos, materiais, escolhas dos aprendizes e não com o “aprender sozinho”. Dessa forma, “os processos de autoaprendizagem observados [...] se caracterizaram pela interação entre o individual e o coletivo através da formação de redes” (CORRÊA, 2008, p. 35). Sendo o plano individual o interesse em aprender o instrumento e o coletivo a “interação com os amigos” por meio de “exemplos tocados, falados e mostrados”. Desse modo, “a troca ocasionada por este *dar* e ao mesmo tempo *receber* constitui, sem dúvida, um elemento não só motivador, mas também de reflexão e de ensino e aprendizagem” (CORRÊA, 2008, p. 36, grifos no original).

Nesse caminho de autoaprendizagem, a seleção dos materiais, vídeos, páginas, livros, métodos, tutoriais, torna-se fundamental e demanda dos aprendizes a necessidade de “avaliar a confiabilidade e a credibilidade das diferentes fontes de informação” (JENKINS, et al., 2006, p. 4). Isso porque, com as mídias mais interativas, como a internet, os conteúdos são produzidos e

circulados sem muitos filtros, ficando a confiabilidade do que ali está posto a critério de quem pesquisa. Daniel demonstra essa consciência da responsabilidade acerca das informações que acessa afirmando que o que está disponibilizado "pode me prejudicar e pode me ajudar. Pode me atrapalhar ou não, depende de mim. Mas tem muita coisa que pode me ajudar" (Daniel, 18/05/14).

Essa consciência acerca da própria responsabilidade em verificar e confrontar informações aparece no relato do entrevistado.

Difícilmente eu vou pegar um livro didático e usar ele até porque na internet, se você souber usar, você vai achar. É muito mais plural, sabe, é muito mais aberto. Se eu pego um livro didático eu estou vendo a partir de uma perspectiva de vários, e de algumas que eu aceito e a partir da contradição das duas eu faço o meu próprio conhecimento. Contradição é uma coisa muito importante. (Daniel, 18/05/14).

Outro material citado pelos entrevistados é a videoaula. Para Lucas o acesso às videoaulas de bateria pela internet teve um importante papel, principalmente, antes da sua entrada no curso de ensino médio integrado. Nas suas palavras: "meu primeiro professor foi a internet, basicamente pelo *YouTube*, que é por onde eu assistia e ainda assisto muitas videoaulas que sempre foram importantes para o meu estudo" (Lucas, 13/5/2014).

Com experiências semelhantes, os entrevistados Geraldino e Raísa relatam seus aprendizados. Geraldino cita as "videoaulas explicativas, contendo técnicas adequadas para o instrumento e também partituras" (Geraldino, 29/04/14). Raísa relata o caminho que faz para encontrar as videoaulas, "p músicas q eu quero aprender um solo q me chama atenção e eu quero reproduzir, coloco no *YouTube* o nome da música e junto ao nome digito 'cifras' e espero p aparecer um vídeo ensinando". Dentre os vídeos que aparecem, Raísa prefere o *site* cifraclub, "por causa dos vídeos q ensinam com mais riqueza de detalhes [...] o bom é que aparece a tablatura do solo e o professor ensinando como fazer e é só ter paciência p reproduzir kkkk, mas eles ensinam bem direitinho". Ao ser questionada sobre o que ela considera um vídeo que ensina

“direitinho”, ela responde: “tem uns q só falam ou mostram muito rápido... n explica direito, é p qm já sabe. Vídeo bom q aquele q explica p qm n sabe⁴” (Raísa, 28/04/2014).

A análise de Raísa demonstra que ela escolhe aprender com o material que explica com mais detalhes. Nessa direção, o trecho a seguir traz alguns questionamentos da entrevistada acerca de como reconhecer a procedência do material, apontando assim um dos desafios de quem procura aprender pela internet.

[No cifraclub] os vídeos são gravados profissionalmente. Quem ensina eh contratado do *site* só p isso, eh como se fosse um EAD [Ensino a distância] gratuito p música. Mas há muitos vídeos caseiros q o povo compartilha o q sabe, q de certa forma ajuda, depende do discernimento de qm pesquisa. Aí entra o lado ruim de aprender só pela net... qm tah por conta própria e não sabe de nada tem q procurar coisas de boa procedência. Aí 'como vou saber a procedência se não entendo nada?' p isso se tem amigos q entendem e te indicam bons caminhos p pesquisar. (Raísa, 28/04/2014).

A questão trazida pela entrevistada sobre como saber a procedência quando ainda se é iniciante no assunto aparece como uma das preocupações levantadas por Jenkins et al. (2006) quando discutem os desafios da cultura participativa na mídia-educação. Raísa resolve isso com os amigos que indicam caminhos para pesquisar. Esses amigos, podem ser também pessoas da família, professores, ou ainda, os comentários que surgem nos vídeos e que funcionam como um termômetro sobre o material publicado.

Existe um outro aspecto da cultura participativa que pode ser exemplificado nos vídeos do cifraclub, citados por Raísa. Nos comentários sobre a videoaula da música *Imagine* (John Lennon)⁵, uma pessoa sugere outros acordes para o refrão. Essa ação demonstra que o *site* está aberto para sugestões, algo que ocorre também na parte de cifras. Cada nova versão ou edição do que está publicado passa por um filtro dos moderadores, mas há o espaço para colaboração.

Experiência semelhante, que interliga vídeos no *YouTube*, é a de um aprendiz ligado à comunidade Banjo Hangout, investigada por Waldron (2013). O entrevistado relata:

⁴ Foi mantida a linguagem utilizada na entrevista via *chat*.

⁵ <http://www.cifraclub.com.br/john-lennon/imagine/#autoplay=true>

Os dois recursos da *web* que eu uso mais frequentemente são vídeos do *YouTube* e arquivos de tablatura/partituras. Quando começo a aprender uma nova melodia, eu procuro por meio do *YouTube* e encontro várias versões da mesma, como um meio de conhecer a melodia. Isso me ajuda a ver os dedilhados⁶. (Ric Hollander entrevistado por WALDRON, 2013, p. 266-267).

As experiências com videoaulas citadas pelos entrevistados se concentram na pesquisa sobre músicas e instrumentos específicos, bem como dicas sobre o instrumento que tocam. Não há relatos de que tenham feito cursos de instrumento por videoaulas, o que é uma prática que já existia antes da internet.

Outra prática trazida pelos entrevistados é a pesquisa sonora via computador, dispositivos móveis e redes sociais. A pesquisa de músicas na internet, a seleção de repertório para ouvir em diversos lugares, o ouvir rádio pelo celular são algumas experiências citadas pelos entrevistados que podem ser entendidas como formas de “escutas compartilhadas” revelando aspectos de aprendizagens musicais. Um exemplo é trazido por Daniel, que explica suas pesquisas musicais pela internet:

Sobre técnicas de violão, especificamente, eu escuto muita música. E eu encontro muita música pelo *YouTube*, eu baixo no computador e eu escuto prestando atenção nas coisas. Isso faz parte da minha formação musical [...] eu aprendi a fazer algumas coisas interessantes pelo *YouTube*, aprendi mesmo, diretamente. E, fora isso, tem muita coisa, muita coisa! Você vai ver músicos com uma habilidade incrível lá, e você pode analisar as técnicas deles, aprender só olhando (Daniel, 05/05/14).

As experiências de aprendizagem relatadas pelo entrevistado envolvem a busca de músicas na plataforma virtual *YouTube*, a ação de baixar as mesmas no computador, já demandando uma escolha e como organizar os materiais encontrados sobre música. Além disso, “escutar prestando atenção” é uma dimensão do aprendizado musical: a apreciação. Esses aspectos da escuta para aprender música aparecem na pesquisa de Ramos (2012), que investigou

⁶ No original: The two web resources that I used most frequently are YouTube videos and *online* TAB archives. When starting to learn a new tune, I search through YouTube and find several good versions of it, as a way to get the overall melody in my head. It does help to be able to watch the fingerings.

a escuta portátil, mas que se aplica também à internet. Para a autora, “a escuta portátil permite que cada ouvinte crie seus modos de apreciação, de acordo com as ‘competências’ individuais. A maneira portátil de escutar música descarta quaisquer imposições do que escutar, onde, por quê, e com quem escutar” (RAMOS, 2012, p. 226).

Sobre escutas compartilhadas

Os entrevistados trazem experiências acerca da forma como ouvem música e como compartilham suas escutas, trazendo para análise uma das dimensões da cultura participativa, a aprendizagem entre pares. Mesmo que não seja intencional, as trocas musicais que realizam em rede revelam potenciais de aprendizagem musical, conforme apontado por Ramos (2012). Adriana comenta, "sempre troco *links* de vídeos com meus amigos, eles enviam pra mim e vice-versa pelo *face*, pelo bate-papo. Às vezes estou conectada numa determinada rádio e digo, ‘olha o que eu estou ouvindo’ e aí mando o *link*⁷" (Adriana, 06/08/14).

Nessa fala da Adriana é possível visualizar dois formatos de escuta: os *links* de vídeos podem ser compartilhados de maneira assíncrona, por mensagens e, cada um pode ouvir no momento que quiser. Já o *link* da rádio é uma escuta compartilhada síncrona, em tempo real, podendo ouvir juntamente com os amigos. Esse mesmo *link*, visto em outro momento, terá outro significado pois serão outras músicas tocando.

Compartilhar o que está ouvindo possibilita demonstrar preferências musicais, conhecer novas músicas, gostar e/ou não gostar do que o outro ouve. Adriana relata, "eu só envio *link* de músicas bacanas, românticas (o meu gosto), mas às vezes os *links* que recebo são de músicas que eu não gosto, mas a gente acaba se divertindo com essa troca de *links*" (Adriana, 25/08/14). Essa prática pode proporcionar o contato com repertórios diferentes que se tornam conhecidos a partir do momento em que cada um envia as músicas de sua preferência.

Com o aumento das tecnologias portáteis como MP3, celulares, *iPods*, dentre outros, o ouvir música está cada vez mais presente na rotina das pessoas (RAMOS, 2012). No que se refere

⁷ No momento da entrevista, Adriana me passou o link da rádio que ela estava escutando: <http://acheradios.com.br/globo-fm-901/>

aos dispositivos e conexões, as possibilidades de trocas musicais via celulares e *tablets* aumentaram com a internet móvel (3G, 4G, e redes WiFi). Para ouvir rádio, a entrevistada comenta, "eu baixei um app [aplicativo] no meu cel e daí não preciso mais estar sempre conectada ao PC [*Personal Computer*=computador pessoal] para ouvir as rádios que eu gosto. Comprei até umas caixinhas pra ouvir as rádios com um volume melhor" (Adriana, 25/08/14).

O fato de ampliar a conexão para o celular não precisando estar "sempre conectada ao PC" confere possibilidades de escutas compartilhadas. De forma semelhante, Raísa narra seus hábitos de ouvir música com alguns amigos, por meio do aplicativo *WhatsApp*: "costumo gravar as músicas q to escutando na radio ou na TV e mandar p outra pessoa q to conversando, o q chamo de roer em conjunto, kkkkk" (Raísa, 30/04/14). Esse "roer em conjunto" significa comentar sobre as músicas e Raísa demonstra se divertir com essa prática:

tenho uma amiga q fica acordada até tarde e a gente tem o costume de ficar mandando *link* de vídeos de músicas q a gente gosta. Passamos a madrugada assim às vzs [...] a gente fica desenterrando as músicas das décadas passadas kkkk, eh massa! eh bom fazer isso! (Raísa, 30/04).

Essa prática de "desenterrar" músicas de décadas passadas pode ser uma forma de pesquisa musical. Considerando que em plataformas como o *YouTube*, por exemplo, existe uma lista de vídeos relacionados, é possível ter contato com músicas sugeridas pelo site e esta ser mais uma forma de garimpagem sonora. Quando questionei Raísa sobre o que elas conversavam sobre as músicas, ela respondeu:

Rapaz... tanto das músicas desenterradas como as atuais a gente fala muita coisa. Comenta o cenário, a voz, o ritmo, a roupa e cabelo da época, critica e manga⁸ qndo eh ruim e a gente tah vendo so p mangar mrm kkkkkk. Compara as músicas q a gente acha boas com as q acha ruim e por aí vai. A comparação geralmente eh relacionada às letras. (Raísa, 30/04).

⁸ "mangar"= significa caçoar, zombar de alguém.

Neste depoimento aparecem possibilidades de interações musicais que são proporcionadas pela ferramenta "gravar" dentro do aplicativo *WhatsApp*. Mas, para além das funcionalidades das ferramentas, torna-se um espaço para ouvir música em conjunto, logo que os pequenos trechos selecionados para compartilhar certamente carregam sentidos para quem os escolhe demandando uma forma de apreciação musical e, portanto, de aprendizagem musical. Mesmo que esteja ligado ao entretenimento, há uma vivência musical por meio da escuta compartilhada.

Considerações finais

A partir do recorte trazido neste texto, as questões sobre: acesso a diferentes repertórios, escutas compartilhadas pelo celular, acesso a videoaulas e materiais na internet trazem aspectos de engajamento musical com as mídias (TOBIAS, 2013). Mostram responsabilidade dos entrevistados acerca das escolhas dos materiais que contribuem no aprendizado musical. Além disso, as trocas de mensagens com trechos das músicas que estão ouvindo, constitui-se como uma forma de apreciação musical que pode ser pensada também no ensino/aprendizagem de música sistematizado.

A relação dos entrevistados com as mídias nos seus percursos de formação musical mostra aspectos colaborativos que emergem dessas formas de aprender. Estas ocorrem nas interações entre os aprendizes ou com o conteúdo que foi postado por alguém na rede, seja uma videoaula, uma música, uma paródia. Essas práticas são discutidas por Tobias et al. (2015) quando traz as possibilidades de engajamento musical na cultura digital e participativa, na qual é possível “desempenhar várias funções musicais como ouvir e discutir a música em um *site*, criar e compartilhar listas de reprodução, ou ensinar aos outros como executar a música, gravando e postando tutoriais em vídeo⁹” (TOBIAS, et al., 2015, p. 95-96). Para os autores esses são exemplos

⁹ No original: Others might enact multiple musical roles such as listening to and discussing music on a website, creating and sharing playlists, or teaching others how to perform music by recording and posting video tutorials. Addressing the types of creative engagement with media that occur in contemporary society necessitates understanding the skills involved along with related principles to inform or guide practice.

de engajamento com a mídia que ocorrem na sociedade contemporânea e tornam-se importantes elementos de trabalho no contexto educacional, como uma educação musical comprometida com as diferentes práticas musicais e suas pluralidades de formatos de ensinar e aprender.

Referências

CORRÊA, Marcos Kröning. Discutindo a auto-aprendizagem musical. In: SOUZA, Jusamara. (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 13-38.

JENKINS, Henry et al. Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st century. Chicago: MacArthur Foundation, 2006. Disponível em: <http://digitallearning.macfound.org/atf/cf/%7B7E45C7E0-A3E0-4B89-AC9C-E807E1B0AE4E%7D/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF>. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

RAMOS, Sílvia Nunes. *Escuta portátil e aprendizagem musical: um estudo com jovens sobre a audição musical mediada pelos dispositivos portáteis*. 2012. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TOBIAS, Evan. Inter/trans/cross/new media(ting): Navigating an emerging landscape of digital media for music education. In: RANGLES, C. (Ed.), *Music education: navigating the future*. New York: Routledge, 2015. p. 91-121.

_____. Participatory culture in practice: Developing perspectives and potential in music education. In: 31^º ISME WORLD CONFERENCE OF MUSIC EDUCATION (ISME). 2014, Porto Alegre: *Paper abstracts*, 2014, p. 56.

_____. Toward Convergence: Adapting Music Education to Contemporary Society and Participatory Culture. *Music Educators Journal*, v. 99, n. 4, p. 29-36, June, 2013.

TOBIAS, E; VANKLOMPENBERG, A.; REID, C. Reflecting on changes in practice through integrating participatory culture in our classrooms. *Mountain Lake Reader: Conversations on the study and practice of music teaching*, v. 6, p. 94-110, 2015.

WALDRON, Janice. User-generated content, YouTube and participatory culture on the Web: music learning and teaching in two contrasting *online* communities. *Music Education Research*, v. 15, n.3, p. 257-274, 2013.